

"TOMATES VERDES FRITOS" E "A COR PÚRPURA": UMA ANÁLISE PSICOLÓGICA DA MULHER SACRIFICADA E DO VALOR DA AMIZADE NO UNIVERSO FEMININO

Yls Rabelo CÂMARA¹
Yzy Maria Rabelo CÂMARA²

RESUMO: Este trabalho visa analisar psicologicamente a figura da **mulher sacrificada** e a importância da amizade entre mulheres como forma de cura de suas dores anímicas em dois dos filmes com temática de gênero mais amplamente apoiados pela crítica de todos os tempos: **Tomates Verdes Fritos** e **A Cor Púrpura**. Este é um estudo que julgamos relevante para estudos posteriores sobre a questão de gênero, delineada a partir de obras literárias e filmes cuja temática pertence essencialmente ao universo feminino. Dita amizade, diferentemente dos filmes mas calcada nos dois livros supracitados e nos quais se baseiam os roteiros cinematográficos, é fundamentada no homossexualismo e funciona como uma alavanca emocional e um apoio certo no momento mais crítico das vidas das personagens femininas das obras literárias em questão. Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo e de base bibliográfica, que adentra o campo dos estudos de gênero. Para tanto, foi feito um levantamento bibliográfico dos dois livros e de seus respectivos filmes homônimos no período correspondente a três meses, de março a junho de 2013. Uma vez feito isso, analisamos o tema da amizade entre mulheres como essencial para a recuperação anímica destas no momento em que problemas surgem e deprimem o sujeito. Concluímos que em ambas obras literárias e suas respectivas reproduções cinematográficas, a presença do valor da amizade entre as mulheres é uma constante além de necessária para que a homeostase emocional das personagens femininas se estabeleça em momentos de crise.

Palavras-Chave: mulher sacrificada; sexismo; modos de subjetivação

ABSTRACT: This paper aims to psychologically analyze the figure of the sacrificed woman and the importance of friendship among women as a form of healing their

¹ Yls Rabelo Câmara é licenciada e especialista em Letras (Português – Inglês) pela Universidade Estadual do Ceará, mestra e doutoranda em Filologia Inglesa (Letras – Inglês) pela Universidade de Santiago de Compostela e especializanda no ensino do espanhol como língua estrangeira pela Faculdade Ateneu. Possui vinte e seis anos de experiência docente e atualmente é tutora a distância nas coordenações de português, inglês e espanhol, na faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará em parceria com a Universidade Aberta do Brasil – UFC/UAB. ylscamara@hotmail.com

² Yzy Maria Rabelo Câmara é licenciada e bacharel em Psicologia e bacharel em Serviço Social pela Universidade de Fortaleza e Universidade Estadual do Ceará respectivamente e mestra em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará. Clínica em Fortaleza há mais de dezesseis anos em consultório próprio e no Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto e tem doze anos de prática docente em diversas IES do Ceará. Atualmente é professora de Psicologia do Centro Universitário Estácio do Ceará e tutora a distância pela UFC/UAB. zyrabelo@hotmail.com

psychic pain in two movies which deal with gender issue more widely supported by critics of all time: **Fried Green Tomatoes** and **The Color Purple**. We consider this a relevant study for further studies on gender issue, outlined from literary works and films whose theme belongs essentially to the female universe. Such a friendship, unlike the movies but grounded in the two aforementioned books and their screenplays, is based on homosexuality and acts as an emotional lever and a certain support in the most critical moments of female characters' lives of both literary works in question. This is a qualitative research and a bibliographic database, which deals with gender studies. Thus, a literature review of the two books and their respective homonymous films was carried on for three months, from March to June of 2013. Once this was done, we analyzed the theme of friendship between women as essential for recovery of such women at the moment that problems arise and depress the subject. We conclude that in both literary works and their film reproductions, the value of friendship among women is constant as well as necessary for the emotional homeostasis of the female characters is established in moments of crisis.

Keywords: sacrificed women; sexism; modes of subjectivation

Introdução

Este trabalho objetiva analisar a amizade entre mulheres como um elemento necessário para sua recuperação enquanto sujeito. Em **Tomates Verdes Fritos**, Ruth é imprescindível para Idgie e Ninny o é para Evelyn; em **A Cor Púrpura**, Shug é a catalisadora das emoções amordaçadas de Celie. Primeiramente, contextualizamos os dois filmes ao narrar sucintamente o enredo de cada um para depois nos aprofundarmos um pouco mais na análise do tema a que nos propomos: a ajuda incondicional entre mulheres nos seus períodos de crise.

1. A Dor Cede Passo ao Amor em Tomates Verdes Fritos

Evelyn Couch (Kathy Bates) é uma mulher complexada por sua aparência física e frustrada por um casamento frígido. Além do que, Evelyn se sente "velha demais para ser nova e nova demais para ser velha", (SILVEIRA, 2008, p. 129). Mãe de Karl, um filho que já não mora mais com os pais, é casada com Ed Couch, um homem insensível, glutão, aficionado a eventos desportivos televisionados e totalmente indiferente à esposa, que fielmente se dedica ao lar por não ter uma profissão. Diante da relação morna que mantém consigo

e com os seus, Evelyn transfere, literalmente, sua libido e suas múltiplas decepções para a comida.

O filme se caracteriza, entre outros detalhes interessantes, por empregar símbolos. O sobrenome de uma das protagonistas e de seu esposo é, por demais, caricato, uma vez que **couch** significa **sofá** em inglês e **couch potato**, uma pessoa que não pratica esportes ou exercícios físicos por preguiça ou desinteresse. Evelyn Couch é um exemplo desta analogia: uma pessoa que, por ter sua autoestima afetada negativamente, entra em um processo de engorda contínuo e não consegue abstrair nem ressignificar sua realidade.

Quando mais necessita de um incentivo para reestruturar sua vida, entra em cena Ninny Threadgoode – uma anciã com quem Evelyn entabula uma amizade que vai se fazendo sólida na medida em que Ninny vai detalhando a Evelyn suas experiências quando jovem, especialmente sua relação estreita com Idgie Threadgoode (que viria ser sua futura cunhada e que no filme guarda uma identificação de alter ego para com Ninny). Ninny e Idgie eram **mulheres** tão **sacrificadas**³ quanto Evelyn. De Ninny sabemos apenas que se casou tardiamente, que seu único filho nasceu com um problema de ordem neurológica e que viveu ainda trinta anos sob seus cuidados.

A vida de percalços de Idgie, por outro lado, dá-se início a partir do momento em que seu irmão favorito (Buddy - **companheiro** em inglês) é fatalmente colhido por um trem, aos 18 anos de idade, durante a festa de casamento da irmã mais velha deles: Leona. Com a morte do irmão, Idgie, então uma criança rebelde e desobediente, faz-se ainda mais revoltada, arisca, independente e misantropa. Muitos anos depois, é resgatada de uma vida desregrada por aquela que seguramente haveria sido sua

³ Quando nos referimos às mulheres sacrificadas, termo que vimos usando ao longo de nossa trajetória, em publicações anteriores, remontamo-nos à mulher marcada pelas adversidades da vida em si: violência, machismo, falta de oportunidades e afins.

cunhada se a tragédia não houvera acontecido e que indiretamente provocara a morte prematura de Buddy: Ruth Jamison.

A amizade entre a indomável Idgie e a meiga Ruth transforma-se no bálsamo que a jovem necessitava para curar-se de uma ferida aberta e que ainda sangrava. Foi uma amizade longa e profícua. A vida oferece a Idgie a oportunidade de ajudar Ruth tempos depois: logo após casar-se, Ruth passa a sofrer violência doméstica por parte de seu marido, Frank Bennett, e ao descobri-lo, Idgie, seu irmão Julian e o capataz da família, Big George, resgatam-na e Ruth⁴ passa a viver com os Threadgoode a partir de então. Entre eles, amigos queridos transformados pela vida em sua nova família (uma vez que era órfã e não tinha irmãos), dá a luz a um menino a quem batiza de Buddy Junior e entra em sociedade com Idgie: as duas abrem um café que vira referência na região, o **Whistle Stop Cafe**⁵, cuja especialidade era os tomates verdes fritos típicos do Alabama – onde a história ocorre.

Pouco a pouco, Ruth vai moldando as arestas mais selvagens de sua amiga, como se de uma missão cármica se tratasse, até que um câncer fora de hora a arrebatou de forma totalmente inesperada quando contava apenas 36 anos, o dobro da idade que tinha Buddy quando foi colhido pelo trem. Se Buddy fora importante para Idgie, Ruth o foi duplamente, porque se ele dera início a seus problemas de relacionamento intra e interpessoais, Ruth a ajudou a solucioná-los.

Contando sua trajetória de vida em pequenas doses para Evelyn, Ninny consegue fazer com que sua nova amiga não somente consiga um trabalho vendendo cosméticos Mary Kay, mas que também emagreça, que passe a cuidar melhor de si e a exigir que o

⁴ Na Bíblia, Ruth é como Ruth Jamison, no filme: uma mulher assertiva, corajosa, fiel e profundamente generosa (<http://www.mulherespiedosas.com.br/rute/> - informação acessada em 21 de junho de 2015).

⁵ Este café, que serviu de cenário para o filme, ainda está em funcionamento (<http://www.thewhistlestopcafe.com/index.php> - informação acessada em 21 de junho de 2015)

mundo a trate com o respeito que lhe é devido. Através de Ninny, Evelyn recupera sua autoestima há muito perdida e dá um novo direcionamento a sua vida.

O filme, contrariamente à ideia de competição pregada pelo mito da rivalidade feminina, tem uma abordagem que defende exatamente o oposto. Ademais, conceitos como violência machista, relacionamentos em todos os âmbitos, modo de vida patriarcal e independência feminina são tratados com poesia e sob a delicadeza do ponto de vista feminino. Uma história de solidariedade e empatia, que defende a ideia de que o amor cura feridas emocionais e de que as mulheres, por sua sensibilidade inata, têm o poder e a habilidade necessários para tal.

2. Entre Cartas e Conselhos, “A Cor Púrpura”

Na Georgia de 1909, Celie é violentada pelo suposto⁶ pai e tem dois filhos com ele, que são dados em adoção a um casal de missionários. Incapaz de conceber novamente, dada a violência com a qual foi fecundada, é **dada** a Mr. _____ (Albert), um fazendeiro pobre, igualmente negro, viúvo e com filhos. Sua missão seria a de cuidar da casa de seu companheiro, de sua prole e ser também sua companheira de alcova. Não teria direitos. Somente deveres.

Sem nada que os unisse que não fosse a necessidade, Celie, com apenas 14 anos, vê-se entregue a um homem que a maltrata física e psicologicamente, e ele, por sua vez, que ama outra mulher (a cantora de blues Shug Avery) e se havia interessado antes por Nettie, irmã de Celie, vê-se obrigado a casar-se com uma adolescente deficitária em termos de beleza, desajeitada, extremamente tímida e unida de maneira infantil à irmã mais nova (Nettie).

Separada desta irmã, Celie dá início à laboriosa atividade de escrever cartas nas que desabafava sua dor e suas frustrações, seus

⁶ No fim do filme, revela-se como seu padrasto.

medos e suas esperanças. Profundamente solitária, em um ambiente hostil, onde ninguém lhe prestava a mais mínima atenção, esta atividade epistolar serviu-lhe para manter-se mentalmente sã. As primeiras cartas eram endereçadas a Deus; uma vez que não obtinha resposta a seus aflitos questionamentos, Celie passa a dirigir-se à Nettie, que por arte do destino foi morar na África com os missionários que haviam adotado seus sobrinhos Adam e Olivia, filhos de Celie.

Tudo muda muitos anos depois, quando Mr. _____ traz sua amante à casa um dia. Shug estava bêbada e doente e, mesmo assim, Celie, que tanto havia ouvido falar dela, tratou-a com o desvelo e o carinho de uma irmã, o que provocou desconcerto em sua **rival**. Conhecer Shug Avery foi o ponto de partida para a série de transformações que ocorreriam no espírito de nossa heroína. Foi justamente uma vulgar cantora de cabaré quem ensinou Celie a se autovalorizar, a não aceitar os desmandos de seu companheiro e a buscar um meio de vida que não fosse depender dele. Aparte destes conselhos práticos, Shug ensinou-lhe a desfrutar de seu corpo sem pudores nem temores e as duas passaram a viver uma relação íntima pautada na descoberta da sexualidade.

Com a imprescindível ajuda de Shug, Celie descobriu seu potencial criativo, livrou-se do poder opressor do homem que o destino e seu pai lhe haviam imposto, apropriou-se de seu poder pessoal e abriu seu próprio negócio, onde passaram a trabalhar para ela Squeak e Sophia, ex esposas de seu enteado Harpo, elas mesmas também **mulheres sacrificadas** - especialmente Sophia, que havia pago um alto preço por sua autenticidade impensada em um momento anterior da trama. No entanto, não é à toa que esta personagem tem esse nome. Além de Shug, é precisamente Sophia quem ensina a Celie a urgência do resgate do amor próprio e da importância da amizade e da união entre mulheres, segundo D'Angelo e Dos Santos (2009).

Com tantas mudanças ocorrendo em sua vida, Celie, por fim, reencontra sua amada e jamais esquecida irmã Nettie, seus filhos já adultos e conhece também sua nora, vítima da infibulação⁷ (que ainda mutila e mata milhares de africanas anualmente, um dos símbolos mais sangrentos da repressão machista para com o elemento feminino no continente berço da nossa civilização).

3. Uma Breve Comparação entre os dois Filmes

Os filmes aqui analisados fazem referência à mesma temática: o suporte emocional encontrado por **mulheres sacrificadas** em outras **mulheres** igualmente **sacrificadas**. Nos filmes, esta amizade entre mulheres sofridas traz veladamente uns laivos de homossexualidade, abertamente tratada nos livros homônimos.

O enredo tanto de um quanto do outro também claramente evidencia uma desvalorização do elemento masculino. Em **Tomates Verdes Fritos**, o filho de Evelyn, Karl, está ausente da trama e o marido desta, Ed, é o típico americano glutão e sedentário; um homem insensível à necessidade urgente de afeto de sua esposa. Buddy Threadgoode, um rapaz especialmente encantador, morre nos primeiros quinze minutos e sete segundos do filme. Idgie é indiferente aos homens que a rodeiam, inclusive ao que um dia se tornaria xerife do lugar, Grady Kilgore, e que mantinha por ela uma paixão declarada. Ruth se casa com um acosador e é idolatrada por Smokey Lonesome, um bêbado inveterado, pobre e doente. O único filho desta, Buddy Junior, acaba sofrendo o mesmo tipo de acidente que vitimou o homem que lhe dera o nome, assim como uma mutilação importante, tornando-se imperfeito, portanto. Em **A Cor Púrpura**, para a protagonista, o elemento masculino está visceralmente ligado à dor, à humilhação e à violência:

⁷ Oclusão do prepúcio ou dos grandes lábios da vagina por meio de um anel ou sutura, a fim de impedir o coito ou a masturbação (<http://www.dicio.com.br/infibulacao/> informação acessada em 21 de junho de 2015).

She refers to her father as "Him" and the capitalizing of his name aligns him appropriately with God. Albert is referred to as Mr. _____, and even Samuel, the kind reverend and stepfather to the children, is designed as Rev. Mr. _____. The text draws attention to the fact that, for Celie, all men are nondifferentiated forces that exercise power over her, and their names are reduced to an appropriated and semiological (and phallic) line⁸ (TUCKER, 1988, p. 84).

"You'd better not never tell nobody but God. It'd kill your mammy⁹" (WALKER, 1982, p. 59). Estas palavras ditas por seu padrasto violador, quando Celie era ainda o objeto de suas investidas sexuais, impregnam em sua atormentada cabeça a ideia de que ela não tinha ninguém com quem desabafar que não fosse Deus (TUCKER, 1988). Quando se casa com Mr. _____, este homem aparentemente sem nome forma, junto com Deus e com o padrasto cruel, a trindade representativa da supremacia masculina sobre seu espírito resignado de mulher negra e pobre no sul dos Estados Unidos do início do século XX, o que a impede de acreditar em sua própria identidade. Constantemente violentada verbalmente e sexualmente pelo padrasto e, na sequência, pelo companheiro, Celie tem assim sua sexualidade controlada e nunca conhece de fato o prazer sexual ao lado de um homem (ABBANDONATO, 1991).

Em um dado momento, quando percebe que Deus pouco caso faz de suas súplicas e ao transferir o destino de suas cartas para Nettie, Celie faz com que este câmbio as torne redatoras e destinatárias de suas próprias dores recíprocas, mulheres que verbalizam sua subjetividade, de acordo com Tucker (1988). Segundo Cutter (2000), o romance de Walker, transferido para a tela grande por Steven Spielberg, é uma releitura do mito de Philomena. **A Cor Púrpura** é, sobremaneira e segundo Abbandonato (1991), a história

⁸ "Ela se refere ao pai como 'Ele' e o fato de iniciar seu nome em letra maiúscula o coloca em paralelo com Deus. Ela se refere a Albert como Mr. _____ e até Samuel, o Reverendo gentil e padrasto das crianças, é chamado de Rev. Mr. _____. O texto chama a atenção para o fato de que, para Celie, todos os homens são forças indistintas, que exercem poder sobre ela e seus nomes são reduzidos a uma linha apropriada e semiológica (e fálica)". (Tradução das autoras).

⁹ "Você não deve falar para ninguém que não seja Deus. Isso mataria a tua mãe". (Tradução das autoras).

da **mulher invisível** - a negra e lésbica marginalizada, a "woman who loves other women, sexually and/or nonsexually"¹⁰ (ABBANDONATO, 1991, p. 1107). É exatamente este amor o que desperta em Celie uma identidade que a faz enterrar as más recordações do passado, ainda mais quando descobre que seu pai era outro homem e não quem ela julgava ser e que sua irmã Nettie estava viva, cuidando de seus dois filhos na África (ABBANDONATO, 1991). Mais do que uma recriação do mito de Philomena, é dada à protagonista a chance de escapar de um destino marcadamente machista e de se apropriar de sua própria história.

4. "Tomates Verdes Fritos" e "A Cor Púrpura" Analisados Psicologicamente

Fazendo uma análise psicológica sucinta de **Tomates Verdes Fritos**, percebemos que Evelyn encontra na comida em excesso a condição necessária para sobreviver à hostilidade e à rejeição do esposo e à insipidez de sua vida, na qual sua subjetividade (e tudo o que dela deriva: sua constituição do ser mulher, sua capacidade de sedução e de sentir-se pulsante) é substituída por um gozo imediato encontrado no substituto de satisfação oral. A introjeção de estados anímicos alterados e concretizados através da ingestão de alimentos é o mecanismo de defesa próprio do humor deprimido. Por ser um processo que escapa à consciência, nem sempre o sujeito percebe ou mesmo assume que o momento crítico que está vivenciando condiz com algo que lhe é externo.

Desta forma, a percepção ou vivência de um sofrimento psíquico é algo singular e o sujeito vai utilizar-se de uma estratégia egóica que, segundo Fadiman e Frager (1994), irá camuflar ou minimizar os impactos subjetivos. Conforme Winnicott (1994), para

¹⁰ "Uma mulher que ama outras mulheres de forma sexuada ou assexuada". (Tradução das autoras).

que haja a percepção e o enfrentamento de um sofrimento ontológico, é imprescindível um grau de amadurecimento necessário, que possa lidar com a dor e com a frustração e, por vezes, assumir a forma de agressividade manifestada em intolerância. Idgie encontrou no comportamento agressivo uma estratégia para manter-se subjetivamente viva e escapar da realidade que se mostrava hostil, o meio encontrado para lidar com a grande dor do luto real pela perda do irmão preferido e pelo luto simbólico de uma vida sem muito sentido.

No que concerne ao filme **A Cor Púrpura**, Celie foi concebida em um contexto doméstico no qual a condição nuclear de sua família fora fragmentada, em uma época na qual os negros estavam excluídos do cerne de uma sociedade notadamente preconceituosa. Não fica patente menção alguma sobre sua genitora nem se o processo de maternagem foi bem instaurado; a autoridade paterna foi direcionada de forma abusiva pelo suposto pai.

Nesse sentido, Winnicott (1997, p. 24) aponta a importância fundamental do aporte emocional instalado satisfatoriamente ainda na mais tenra idade, já que “[...] se a maternagem não for boa o suficiente, a criança torna-se um acumulado de reações à violação; o *self* verdadeiro da criança não consegue formar-se ou permanece oculto por trás de um falso *self* [...]”. As privações emocionais que, por ventura, possam ocorrer com o sujeito que se encontra no estágio inicial de desenvolvimento do ciclo evolutivo podem gerar uma descontinuidade no suporte emocional percebido pelo mesmo e ocasionar comprometimentos emocionais fortes, perenes e irreversíveis.

Celie vivenciou rejeição, falta de um ambiente familiar amoroso e um trauma por demais impactante que diz respeito à violência sexual. Em se tratando de trauma, este é um fenômeno manifestado como uma não reação a uma violência muito intensa a que o sujeito foi submetido, sem condições de se esquivar, e se

manifesta após a vivência de um contexto violento. A longo prazo, provoca danos para o psiquismo humano.

No caso da violência sexual, conforme Gabel (1997), esta forma de sofrimento físico e anímico, muitas vezes, ainda na contemporaneidade, é percebido como algo próprio do universo simbólico infantil. No contexto da sociedade americana do início do século XX, este fato era menos considerado como uma grande violência, uma vez que se mantinha sob a égide do silêncio e do medo infundido na vítima de que a exposição do fato traria consigo ruptura familiar, ameaças por parte do agressor, culpa, vergonha e descrédito do discurso.

Conforme Câmara (2011, p. 93), o impacto do fenômeno é derivado, sobretudo, do efeito surpresa de natureza abrupta, geradora de descontinuidade na segurança emocional anterior e na quebra da continuidade da homeostase, forte e desconfortável o bastante para desagregar as defesas egóicas e colocar o sujeito em uma realidade onde internamente não possui os recursos psíquicos suficientes para debelar o que é externo, percebido como hostil. Como se não bastassem os traumas vividos (em especial, a violência sexual), Celie teve com o agressor e suposto pai, dois filhos, com os quais não teve o direito de exercer a maternidade. Da mesma forma, a protagonista foi também **dada** em matrimônio e logo depois perdeu a convivência com o único laço afetivo que tinha: sua irmã e única amiga até então, Nettie.

O somatório desses eventos por demais estressores aliado ao fato de posteriormente Celie ser continuamente violentada física e psicologicamente pelo seu companheiro foi algo que trouxe consigo um sofrimento psíquico intenso, que reverberou na desintegração de sua autoestima e na crença de não ser merecedora de afeto nem de respeito. Apesar da dor, Celie encontra na produção de cartas uma forma de suportar vivências afetivamente não satisfatórias. O processo libertário de construção de subjetividade a partir do registro

de suas reflexões contribuiu para a emancipação emocional e o resgate de si mesma e da esperança que nutria de reencontrar sua irmã através de alguma informação vinda por meio de cartas.

Outro aspecto relevante para o resgate da autoestima de Celie surgiu da vinda para sua casa da amante doente de seu companheiro. De um tratamento hostil para com Celie no início, gradativamente vai havendo o florescer de uma amizade que desabrocha em sentimentos latentes de amor e desejo. Ainda que a sociedade americana da época tivesse repulsa pelo relacionamento afetivo entre duas mulheres, para Celie não há qualquer vestígio de busca de transgressão, mas de descoberta do seu potencial de amar e ser amada e de sentir-se desejável a ponto de tentar quebrar o ciclo de opressão em que se via atada, saindo de casa com a ajuda da já ex amante para empreender uma nova vivência, em companhia da irmã e dos filhos já adultos, onde a subestimação e a subserviência cederam espaço a uma mulher resgatada na sua autoestima e dignidade, totalmente livre de pretéritas amarras emocionais.

Evidencia-se que as protagonistas foram mulheres perpassadas pelo sofrimento psíquico, mas que se tornaram agentes de seus processos internos, constituindo como estratégias de sobrevivência àquelas realidades hostis à ressignificação dos seus estilhaços de vida através do processo ativo de recontagem de suas histórias. Os seres humanos, gregários por natureza, constituem-se sujeitos a partir da atualização que fazem de si em relação aos outros e que é mediada pela linguagem. Integrados em uma unidade dialógica, a subjetivação torna-se um âmbito compartilhado de sentido, mas sempre na relação do Eu-Tu (BUBER, 1979, p.1-41).

Tanto Idgie quanto Celie conseguiram, através do livre discurso, criar tessituras de subjetividade a partir dos fragmentos dos eventos vivenciados. A amizade de outras mulheres que se dispuseram a ouvi-las promoveu uma atualização de possibilidades e

de construção de novas realidades a partir de crenças outrora distorcidas e destruidoras de amor próprio.

É a partir das narrativas de suas próprias vidas que há a articulação entre as reminiscências passadas, as vivências atuais e as perspectivas futuras. A linguagem torna-se a mediadora do mundo subjetivo para o mundo de possibilidades e devir. Desta forma, a partir de Milanesi *et al.* (2006), qualquer produção subjetiva de desabafo como a conversa e o choro passam a ser instrumentos libertadores e de cura, assim como a rede de suporte social possibilita o estabelecimento de suporte emocional necessário para o enfrentamento de situações críticas. A amizade, a escuta acolhedora e o livre discurso são agentes catalisadores para a retomada consciente da condição de sujeito. Este processo introspectivo de resgate de si mesma, aliado às amigas que se somaram para ajudá-las a debelar tristeza e traumas instaurados, ajudaram nossas protagonistas e outras mulheres a elas ligadas a integrarem o *self*.

Cavalcante (2001) afirma que a subjetividade se constrói na linguagem (e pela linguagem através do sistema egóico de crenças, interpretações e ressignificações da realidade e seus fenômenos), na exteriorização do mundo interior. É na vivência da dor que o sujeito se subjetiva, uma vez que, conforme a autora, a dor é agente de humanização no sentido em que, a partir dela, a sensação de finitude interpõe-se com a homeostase existencial e provoca nesta última uma ruptura.

Ambos os filmes, baseados em obras homônimas, foram escritos por duas escritoras que nasceram no sul dos Estados Unidos, mas que não poderiam ser mais diferentes: Alice Walker, autora de **A Cor Púrpura**, tal como suas personagens, é negra, lésbica, veio de uma família pobre, sofreu preconceito desde criança (especialmente porque é cega de um olho, resultado de um acidente doméstico ainda na infância mas que a deixou complexada). Fannie Flag, codinome de Patricia Neal, também como suas personagens em **Tomates Verdes**

Fritos, tem a pele e olhos claros, é heterossexual, nascida em uma família de classe média alta e sempre foi reconhecida como uma boa atriz e uma apresentadora de televisão respeitável. Walker escreve para dar expressão à catarse; O'Neal, por hobby. Contudo, uma força maior do que elas é o denominador comum entre ambas: o fato de plasmarem em suas obras a necessidade vital que as mulheres têm de curar suas dores anímicas a partir da fala e da escuta terapêuticas, da exposição verbal de suas angústias e do apoio que recebem das outras mulheres de seu entorno.

Conclusão

Winnicott (1997) ressalta que a maturidade do adulto é o produto de um processo complexo e contínuo construído desde a mais tenra infância. Não é algo que surja do imprevisto e por acaso; é o resultado concreto de uma longa trajetória de amadurecimento emocional que visa, sobretudo, a integração psíquica do sujeito. Em ambas as obras, de acordo com Berlant (1988, p. 846), "O único lenitivo que remedia a negociação está na conversa entre mulheres". É esta troca de afeto, materializada na partilha da dor através do verbo e do diálogo, o que traz consolo e recapacitação para o elemento feminino.

Tal qual uma ciranda mística e transcendental, Idgie é amparada por Ruth, assim como Ninny serve de apoio incondicional para Evelyn em distintos momentos de suas vidas em **Tomates Verdes Fritos**. O mesmo esteio emocional é encontrado por Celie nas edificantes palavras de Nettie, Shug e Sophia em **A Cor Púrpura**. Idgie, Ruth, Shug, Nettie, Evelyn, Ninny, Sophia, Celie. **Mulheres sacrificadas** pelas intempéries da vida mesma, mas que se ombreiam e se confortam mutuamente, estreitando entre elas os laços do amor, do companheirismo, da fraternidade e da amizade que as unem. Mulheres atemporais e que representam a nós mesmas,

nas mais diversas fases de nossas vidas, nas quais enfrentamos e superamos os empecilhos que se nos antepõem a partir do suporte que recebemos umas das outras.

Referências

- ABBANDONATO, L. A View from 'Elsewhere': The Subversive and the Rewriting of the Heroin's Story in *The Color Purple*. **PMLA**, v. 106, n. 5, p. 1106-1115, 1991.
- BERLANT, L. Race, Gender and Nation in "The Color Purple". **Critical Inquiry**, v. 14, n. 4, p. 831-859, 1988.
- BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.
- CÂMARA, Y. M. R. **Percepção, vivência e enfrentamento do sofrimento psíquico em crianças usuárias de CAPS infantil**. 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Centro de Saúde Comunitária, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- CAVALCANTE, F. Família, subjetividade e linguagem: gramáticas da criança "anormal". **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 6, n.1, p. 125-137, 2001.
- CUTTER, M. J. Philomela Speaks: Alice Walker's Revisioning of Rape Archetypes in *The Color Purple*. **Melus**, v. 25, n. 3/4, p. 161-180, 2000.
- D'ANGELO, B.; Dos SANTOS, W. A. Violação à intimidade: o gênero epistolar em *A Cor Púrpura*, de Alice Walker. **Ipotesi**, v. 13, n. 2, p. 91-104, 2009.
- FADIMAN, J.; FRAGER, R. **Teorias da Personalidade**. Porto Alegre: Marbra, 1994.
- FLAG, FANNIE. **Fried Green Tomatoes at Whistle Stop Café**. New York: Random House, 2002.
- FRIED Green Tomatoes. Direção: Jon Avnet. Estados Unidos, 1991, Universal Pictures. 136 minutos, cor.
- GABEL, M. **Crianças Vítimas de Abuso Sexual**. São Paulo: Summus, 1997.
- MILANESI, K.; COLLET, N.; OLIVEIRA, B. R. G.; VIEIRA, C S. Sofrimento psíquico da família de crianças hospitalizadas. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 59, n. 6, p. 769-774, 2006.
- SILVEIRA, T. M. da. A pessoa madura e o mundo contemporâneo. **Rev. IGT na Rede**, v. 5, n. 9, p.126-135, 2008.
- THE Color Purple. Direção: Steven Spielberg. Estados Unidos, 1985, Metro-Goldwyn-Mayer. 154 minutos, cor.
- TOMMASI, M. C. F. O Conceito de agressividade na obra de Winnicott. **Infanto: Rev. Neuropsiquiatr. Infanc. Adol.**, v. 5, n. 2, p. 73-76, 1997.
- TUCKER, L. Alice Walker's *The Color Purple*: Emergent Woman, Emergent Text. **Black American Literature Forum**, v. 22, n. 1, p. 81-95, 1988.
- WALKER, A. **The Color Purple**. New York: Harcourt, 1982.
- WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.
- _____. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1994.

<http://www.mulherespiedosas.com.br/rute/> - informação acessada em 21 de junho de 2015.

<http://www.thewhistlestopcafe.com/index.php> - informação acessada em 21 de junho de 2015.

<http://www.dicio.com.br/infibulacao/> informação acessada em 21 de junho de 2015.